

IBITUTINGA, OUTRA VEZ...

José Antônio de Ávila Sacramento

Revivendo os antigos tempos de Grupo Escolar Inácio Passos (saudades da minha primeira professora, Nair Neto do Nascimento, e da diretora, Celeste Maria da Fonseca Banho!), creio ter novamente cumprido um “dever de casa”, apresentando aqui esta “redação” sobre um passeio na roça¹.

Em 26 de janeiro de 2010, para festejar oitenta anos do “Pingo” (nosso amigo menos conhecido por Willer Benedito de Souza), uma “expedição” foi realizada rumo à região de Ibitutinga, nos arredores da abandonada estação ferroviária de “Nuvem Branca”. O meu desejo é o de que até o final deste texto os leitores compreendam o para quê da retomada do assunto “Ibitutinga”, já que ele foi objeto de um artigo publicado no *Jornal de Minas* (Edição 108 - 06 a 12/11/2009)². Não me deterei a tentar justificar o “porquê”, mas procurarei evidenciar o “para quê” retornar a este assunto.

No dia 29 de setembro do ano passado, quando lá estivemos para festejar um aniversário de setenta anos, consideramos que a volta àquelas plagas se daria em janeiro, quando de uma octogenária comemoração. Nos quase quatro meses que antecederam a data, a preparação da expedição povoou bastante as nossas conversas, dando lastro à afirmação de que “o melhor da festa é esperar por ela”. O retorno ao local aconteceu principalmente pelo desejo de nosso amigo iniciar as comemorações das oito décadas de sua feliz existência naquele sítio. Os demais motivos são de caracteres sentimentais e memoriais dos envolvidos com a expedição e o aniversariante tem motivos de sobra para voltar sempre ao local onde viveu a sua infância e juventude. Os professores João Bosco de Castro Teixeira e Oyama de Alencar Ramalho são antigos passionários do local, e este escriba, depois de conhecer um pouco o local e a sua história, também passou a ter uma forte queda por aquela região. Coincidentemente, a derradeira justificativa para a volta ao local e para estes registros me apareceu já em Ibitutinga. Eis que, de repente, não mais que de repente, ao relembrarmos a figura do padre salesiano Jacy Cogo, surgiu uma discussão sobre qual seria a mais adequada tradução para o lema agostiniano “ama et fac quod vis”; assim, sob a égide do pensamento do afamado Bispo de Hipona, reavivamos a nossa certeza de que se fizermos as coisas por e com amor, podemos fazer tranquilamente tudo aquilo que quisermos.

Como já afirmei, a expedição foi planejada; mas requereu alguns retoques finais, os quais foram apresentados e bem saneados numa boa prosa mantida no sábado anterior, na mesa 4 do “Penna’s Bar”, no Bairro Bonfim, quando entre alguns goles saboreamos uma bela porção de chouriço com angu. Traçado o roteiro, enumeramos alguns itens da matula e os bricabraques a serem levados; dentre outras coisas, decidimos que o trajeto seria cumprido a bordo do modernoso Jeep Suzuki, do Professor João Bosco de Castro Teixeira; ele também levaria o “Gengiskan”, não aquele bárbaro conquistador mongol, mas uma churrasqueira portátil e econômica da mais alta eficiência.

¹ Este artigo foi publicado originalmente no *Jornal de Minas* (São João del-Rei, ano IX, ed. 121 - 26 de março a 01 de abril de 2010, página 2).

² Ver o artigo referenciado em: http://patriamineira.com.br/novo/imagens/img_noticias/101423050510_IBITUTINGA.pdf

O quarteto – com mangueiras de mulato³, chapéus nas cabeças, máquinas fotográficas, boa provisão de carnes, razoável quantidade de aguardente e outras bebidas não ardentes, canivetes na cinta, alforjes recheados de úteis badulaques e uma formidável provisão de outros alimentos no porta-malas – com muita disposição, estava a postos pela manhã. Partimos sob a ameaça de chuva (que não caiu, o que me faz acreditar cada vez mais nas boas previsões meteorológicas da “Folhinha de Mariana!”). Quem nos visse saindo e observasse a fatura de nossas provisões, decerto que imaginaria que ficaríamos no mato durante uma semana e não apenas algumas horas...

Passado o antigo *Patronato*, as *Banquetas*, o 106 e o *Limpa Goela*, chegamos a Ibitutinga! A “exploração” começou pela margem esquerda do Rio das Mortes, descendo um pouco além da Ponte de Santa Rita do Rio Abaixo. Naquele agradabilíssimo local existe um sombreado bem almofadado pelas folhas caídas de alguns bambuzais que teimam sobreviver às margens do rio cada vez mais assoreado e que vem sendo agredido pela voracidade das dragas que dele extraem areia, cascalho, e, certamente, alguns minerais mais valiosos. Depois veio o reconhecimento da Estação de Ibitutinga, que como sempre está em completo e silencioso abandono. Aboletamos na plataforma. daquelas pedras pude perceber um misterioso ecoar de lamúrias sob a voz trêmula de seu antigo guarda-chaves, José Augusto, que repetia sem parar: “acabou o trem, acabou Ibitutinga, acabou tudo...!!!”.

Matula descarregada, acampamento montado. Ao redor de farta “mesa”, ressoaram boas prosas, reflexões filosóficas e de somenos importâncias, anedotas e algumas reminiscências quase beirando lágrimas; até uma breve discussão gramático-filológica foi ventilada a respeito de se uma cerveja “desce redondo” ou “desce redonda”, cujo parecer conclusivo será posteriormente elucidado.

Na parte da tarde voltamos para São João del-Rei, sem asfalto, subindo pela estrada de terra que margeia o lado esquerdo do rio até passar pela entrada da Fazenda do Pombal, via leito despido da EFOM, aonde, em tempos passados, até 1983, como um dragão soltando fumaça pelas ventas, transitavam aquelas saudosas locomotivas Baldwins. De quebra, foi lembrada a possibilidade de um dia serem restaurados os trilhos, desta urbe até a Fazenda do Pombal, e por sobre eles transitar o “Trem da Liberdade”⁴; como numa quimera, se o fato vier a acontecer, quem sabe ele pudesse ir um pouco além, e, assim, a estaçõzinha de Ibitutinga poderia ser transformada num viradouro ferroviário, com sua rotunda e coisa e tal?

Santo Agostinho, aquele que já nos ensinara o “ama e faz o que quiseres” ou outras razões em traduções menos literais, agora vai oferecer passagem para que o também bispo Santo Afonso Maria de Ligório nos ensine que: “o paraíso é a reunião de todos os gozos que se podem desejar.”. Então, fica-nos a certeza de que gozamos tudo aquilo que poderíamos desejar nos arredores da estaçõzinha de Nuvem Branca, local que nos oferece a comprovação de que “paraísos” não são impossíveis de se encontrar, podendo eles existirem a poucos metros de nós, bem nos nossos “quintais”, ainda que de forma ilusória os procuremos a centenas de milhas daqui.

³ *Calycophyllum Spruceanum*, pau mulato, mulato, mulateiro-da-várzea, escorrega-macaco, pau-marfim etc. É uma madeira resistente à deterioração e boa para trabalhar. Geralmente é empregada para confeccionar cabos de ferramentas. As mangueiras que portávamos foram presentes de Oyama de Alencar Ramalho que previamente as confeccionou usando de mulatos colhidos na região de Ibitutinga.

⁴ Adenor Luiz Simões Coelho me disse que age politicamente para que sejam restituídos ao leito da ferrovia os dormentes e os trilhos, possibilitando que o trem volte a circular até a Fazenda do Pombal, local onde nasceu Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*. No local, segundo idéia de Adalberto Guimarães Menezes, um memorial deverá ser erigido. Por isto, se um dia o projeto do memorial for viabilizado, certamente que o trecho ferroviário a ser recuperado deverá ser batizado de “Trem da Liberdade”, nome sugerido por Bruno Nascimento Campos (ambos meus confrades no IHG de São João del-Rei).



Em Ibitutinga: José Antônio de Ávila Sacramento, Oyama de Alencar Ramalho, João Bosco de Castro Teixeira e Willer Benedito de Souza (o aniversariante *Pingo*) – Dia 26/01/2010.